

# SEXUALIDADE

gênero  
e sociedade

Ano XI . nº 22 . dezembro de 2004

## ALGUMAS TENDÊNCIAS RECENTES NOS DISCURSOS EVANGÉLICO E CATÓLICO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Marcelo Tavares Natividade e Leandro de Oliveira\*

Este artigo tem origem em uma pesquisa que investiga as articulações entre as dimensões da religiosidade e da sexualidade em um certo segmento *desviante* da população masculina. Esse trabalho de âmbito maior abarca o mapeamento da literatura religiosa sobre homossexualidade, além de uma série de entrevistas com homens de distintos segmentos sociais e observação participante em diferentes igrejas evangélicas. A análise enfoca os discursos pastorais sobre a homossexualidade e as articulações entre religião e sexualidade nos processos de construção de si de homens que mantêm práticas homossexuais.

Uma vasta bibliografia no campo da antropologia da religião empenha-se em salientar o impacto da adesão religiosa ao pentecostalismo na esfera das relações de gênero (Machado, 1996; Mafra e Mariz, 1999). Sinalizou-se também para a difusão da idéia de *cura da homossexualidade* nesse universo (Natividade, 2003a; 2003b), que forneceu as bases para iniciativas evangélicas fortemente marcadas por uma perspectiva interventiva sobre a sexualidade. Nos discursos e práticas desse campo religioso convivem diferentes tendências que asseguram a possibilidade de reestruturação da orientação sexual *desviante* – desde os cultos de *libertação*, que prometem “expulsar demônios” e “curar” pessoas com esse tipo de “problema espiritual”, aos aconselhamentos pastorais que oferecem “ajuda” para quem deseja “abandonar a homossexualidade”.

Parafraseando Foucault (1997), nas últimas duas décadas assistiu-se a uma verdadeira *explosão discursiva* acerca da sexualidade na literatura e mídia

\* **Marcelo Tavares Natividade** é jornalista e doutorando em antropologia social pelo PPGSA/IFCS/UFRJ; **Leandro de Oliveira** é cientista social e mestrando em saúde coletiva pelo PPGSC/IMS/UERJ. Agradecimentos ao Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (IMS/UERJ), à ANPOCS e à CAPES por terem proporcionado em diferentes momentos suporte para realização conjunta deste trabalho.

Estima-se que, anualmente, sejam realizados um milhão de abortos em condições inseguras no Brasil, cujas seqüelas tornam essa prática a primeira causa de mortalidade materna no país.

em perspectiva

O movimento de mulheres brasileiras e latino-americanas há décadas luta pela legalização do aborto no continente, buscando, por diversos meios, demonstrar que são as camadas mais desfavorecidas da população quem sofre as graves conseqüências dessa legislação punitiva.

Nesse sentido, é muito bem-vinda a proposta da ministra Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, de rever a legislação sobre o aborto no Brasil. Como não poderia deixar de ser, o Clam apóia essa iniciativa, reconhecendo a relevância do debate sobre o tema para a sociedade.

Uma outra conquista alcançada no segundo semestre deste ano foi a derrota do projeto de lei que propunha criar um programa estadual de auxílio para quem quisesse deixar de ser homossexual.

Esta edição traz mais notícias sobre a derrubada desse projeto de lei pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro e apresenta as reflexões de Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira sobre as tendências do discurso católico e evangélico acerca da homossexualidade. Leia também a proposta da coleção *Família, Gerações e Cultura*, lançada pela Editora FGV. Vale a pena conferir!

ALGUMAS TENDÊNCIAS RECENTES NOS DISCURSOS EVANGÉLICO E CATÓLICO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE PÁG. 1

NOVAS PRÁTICA FAMILIARES EM FOCO PÁG. 6

ALERJ DERRUBA PROJETO DE LEI QUE PROPUNHA ‘CURA VOLUNTÁRIA’ DE HOMOSSEXUAIS PÁG. 8

neste número

evangélicas, no púlpito das igrejas e até, mais recentemente, nos discursos do Legislativo e no âmbito da política, com o engajamento de líderes religiosos em questões da vida privada. Um projeto em tramitação na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro prevê a criação de um programa de auxílio a pessoas que desejam “mudar” sua orientação sexual “da homossexualidade para a heterossexualidade”.<sup>1</sup> Os evangélicos ostentam, assim, uma atitude fortemente intervencionista nesse campo.

O discurso pastoral católico sobre a homossexualidade contrasta, em certa medida, com os posicionamentos evangélicos. A despeito da referência à possibilidade de “terapia” para reorientação sexual, há uma ênfase na idéia de que esses indivíduos podem exercer uma vida em conformidade com os preceitos da cristandade mesmo sem deixarem de “ser” homossexuais, através do exercício do celibato e do cultivo da castidade.

O objetivo deste artigo consiste em apresentar essas diferentes perspectivas religiosas acerca da homossexualidade. Examina-se o discurso evangélico e seu *construtivismo moral*, que serve de fundamento à problematização das práticas homoeróticas e a diferentes iniciativas religiosas que propagam a idéia de “cura” da homossexualidade. A perspectiva comparativa ensejada pelo confronto com o discurso católico permite delinear melhor os contornos dessa problematização que permeia diferentes vertentes do discurso evangélico, a despeito de sua aparente heterogeneidade.<sup>2</sup>

### A lógica católica da reciprocidade

A produção discursiva católica acerca da família e da sexualidade, menos segmentada que a evangélica, não conta com títulos especificamente voltados para a homossexualidade. O documento analisado, elaborado pelo Conselho Pontifício para a Família e veiculado pelo Vaticano, volta-se para a “família” e a “educação cristã”, expressando posicionamentos mais ou menos explícitos acerca da homossexualidade em passagens específicas do texto. Permeiam esse discurso duas linhas gerais de problematização: a crítica a uma banalização “cultural” do sexo e seu correlativo individual – o uso do prazer em atitude de *hedonismo egoísta*. A premissa filosófica de fundo, que orienta essa crítica, é uma certa lógica da reciprocidade, um circuito de troca instaurado por Deus ao criar o homem.

A sexualidade humana, apresentada como parte da dádiva de Deus, realizaria sua essência *verdadeira* tão somente através do amor: é definida como um modo de “abrir-se para o outro”, relacionar-se, cujo fim intrínseco seriam a “doação e acolhimento” amorosos. O amor, manifestação da dádiva divina, possuiria no ser humano duas formas de expressão: o *amor virginal* e o *amor conjugal*. No primeiro caso, a dádiva aparece enquanto doação de si mesmo, alcançada na renúncia a um “desejo egoísta” de prazer e no correlativo desenvolvimento do autocontrole, conduzindo ao respeito por si e por outrem. No segundo caso, ele é vivido no interior do matrimônio – expressão da troca entre os parceiros e, para além desses, consubstanciada na geração de uma nova vida:

1. I Refiro-me ao Projeto 717/2003, de autoria do deputado Édino Fonseca.

2. A referência central que empregamos na análise do discurso católico é o documento “Sexualidade Humana: verdade e significado”, elaborado pelo Conselho Pontifício para a Família, que expressa o posicionamento oficial do Vaticano. Em referência ao universo evangélico, muito mais fragmentado, utiliza-se material coletado a partir de um mapeamento do campo editorial evangélico.



*Na sua realidade mais profunda, o amor é essencialmente Dom e o amor conjugal, enquanto conduz os esposos ao ‘conhecimento’ recíproco, não se esgota no interior do próprio casal, já que os habilita para a máxima doação possível, pela qual se tornam cooperadores com Deus no Dom da vida a uma nova pessoa humana. Deste modo, os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e ser mãe (1998: 19-20).*

Em suma, nesse discurso o amor originalmente expresso na dádiva da Criação promoveria um circuito de trocas agonístico fundado na obrigação de *dar* e *receber* amor. A prática homossexual será problematizada, principalmente, como expressão de prazer egoísta que interrompe a circulação da dádiva: as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo gerariam uma ruptura nessa rede de reciprocidade, por não contribuírem para a geração (física) de outro ser humano. Esses "atos" egoístas seriam ainda contrários à "lei natural". Entretanto, estabelece-se uma distinção entre "atos" e "tendências" homossexuais – enquanto as últimas *podem* ser *inatas*, os primeiros são expressão de um *uso desordenado* do sexo que, como outros, gera conseqüências nocivas sobre a pessoa:

*A desordem no uso do sexo tende a destruir progressivamente a capacidade de amar da pessoa, fazendo do prazer – em lugar do dom sincero de si – o fim da sexualidade e reduzindo as outras pessoas a objetos da própria gratificação (1998: 92).*

As "tendências homossexuais" poderiam, em *muitos* casos (leia-se não em *todos*), ser tratadas através de terapia apropriada, ministrada por profissionais especializados – particularmente "quando a prática de casos homossexuais não se estruturou" (1998: 91). Diferente dos discursos evangélicos, que tendem a encampar as estratégias de intervenção terapêutica no interior da prática discursiva religiosa, eventualmente monopolizando-as, o posicionamento católico recomenda o recurso a "especialistas" devidamente "qualificados". Entretanto, independente da terapia administrada ou não na esfera laica, as "tendências" são caracterizadas como uma *provação*, um *chamado* vocacional ao exercício do *amor virginal*, à autodoação e à abnegação:

*Estas pessoas são chamadas a realizar, na sua vida, a vontade de Deus, e se são cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido a sua condição (1998: 92).*

## O construtivismo moral evangélico

No mapeamento do discurso evangélico foram identificadas pelo menos três tendências no que se refere às concepções da homossexualidade.

Afinado com o discurso das igrejas pentecostais<sup>3</sup> emerge um modelo das práticas homossexuais como resultante de *possessão* ou *influência demoníaca*, um *problema espiritual* cuja solução encontra-se na experiência religiosa.<sup>4</sup> Esse discurso adquire um colorido particular a partir da noção de *bata-*

3. Uma série de estudos assinala a existência de diferentes tradições no campo evangélico. Denominações históricas possuiriam caráter mais litúrgico, por oposição às pentecostais, fortemente marcadas pela crença na *atuação do Espírito Santo* sobre os fiéis e na influência do *demônio* na esfera terrestre. Embora não constituam divisão substantiva, essas categorias podem ser tomadas como indicadores de certas ênfases cosmológicas. Alguns autores sugerem ainda a pentecostalização deste campo religioso (Velho, 1997).

4 Este discurso se expressa, principalmente, na literatura religiosa sobre *batalha espiritual*. Apesar de não se dedicar especificamente ao tema da homossexualidade, algumas passagens a caracterizam como *possessão demoníaca*. Neuza Ilioka e Edir Macedo são importantes autores religiosos que teorizam sobre a *batalha espiritual* em termos da literatura nacional. Cf. Neuza Ilioka, *Os deuses da Umbanda*. São Paulo: ABU Editora S/C, 1987, e Edir Macedo, *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios*. Rio de Janeiro: Universal, 2001.

*lha espiritual*, que concebe as práticas homossexuais como parte de um embate entre o *bem* e o *mal*, signo da *batalha* que se opera no mundo – e no corpo do indivíduo – entre *anjos celestiais* e *hierarquias demoníacas*. Comunidades pentecostais sinalizam, assim, para a possibilidade de *libertação espiritual* no âmbito da sexualidade (Natividade, 2003a; 2003b).

Outro discurso presente no cenário evangélico consiste em visão psicologizante da homossexualidade, que concebe essa prática sexual como fruto de marcante experiência passada, que colabora na constituição de uma identidade sexual *deformada*. Apresenta-se a homossexualidade como consequência da socialização em lares *disfuncionais*, famílias *desequilibradas*, experiência que acarreta *distorção* de personalidade através da identificação com papéis de gênero *inadequados*. Nessa retórica, a gênese da homossexualidade é associada às categorias de *abuso* e *violência*. As práticas homocorporais poderão constituir-se ainda como *vício*, *adicção sexual* da qual o indivíduo poderá *curar-se* também através da agência do Espírito Santo sobre as *lembranças passadas*.<sup>5</sup> Essa perspectiva religiosa concebe o padrão heterossexual como divinamente ordenado, expressão da *vontade de Deus*, concedendo aos desvios da norma o lugar da *antinatureza*.

Contrastando com estes discursos, um recente movimento de igrejas evangélicas de tendência *liberal* reporta à idéia de *ética* e de *comportamento responsável*, no qual a ênfase concorre para a noção de comportamento ético, independente da orientação sexual. Como exemplos mais visíveis, poderíamos tomar a igreja Presbiteriana de Bethesda, localizada na zona sul do Rio de Janeiro - freqüentemente noticiada como uma *igreja gay* – e a Igreja da Comunidade Metropolitana, inaugurada recentemente também no Rio. Estas iniciativas isoladas são objeto de crítica entre os evangélicos por não difundirem a idéia de *cura*. Este segmento parece optar pela sistematização de uma teologia que prioriza a noção de uma sexualidade *responsável*, desfocando da problematização da homossexualidade. Sua existência enquanto iniciativa minoritária, permite melhor visualizar um cenário global *conservador*.

A despeito da existência dessa vertente não-hegemônica, a possibilidade de reorientação sexual parece ser o subsídio de várias iniciativas religiosas de intervenção sobre a sexualidade. Dos cultos voltados para a *afetividade*, até a sistematização de *redes de apoio* através da criação de *grupos de ajuda*, e aos serviços de *aconselhamento* oferecidos por profissionais cristãos – psicólogos e psiquiatras – tais grupos religiosos se propõem à “recuperar homossexuais”.

Subjacente a essas intervenções, e permeando as vertentes hegemônicas do discurso, encontra-se um conjunto de argumentos cujos contornos gerais delineiam aquilo que diagnosticamos como o modelo de um construtivismo moral. Este repousa sobre um elenco de proposições acerca do caráter “socialmente” construído da sexualidade desviante, que reafirma, contudo, a naturalização do gênero e da heterossexualidade, enquanto expressão dos “designios divinos”. A homossexualidade é referida como prática “antinatural”, estado “doentio” que não expressa um traço imanente da personalidade mas um comportamento que pode ser modificado pelo exercício da vontade.

Refutam-se, assim, todos os argumentos acerca de uma suposta naturalização da homossexualidade. Expressa-se, por outro lado, uma retórica que a afirma como influência de fatores *externos*, que vão desde a identificação com o gênero oposto até a intervenção de *demônios*.

5. Esse discurso aparece na literatura religiosa sobre *cura da homossexualidade*, grande parte composta de livros estrangeiros, disponíveis em livrarias brasileiras. O material contempla conteúdos doutrinários e depoimentos, caracterizando um tipo de literatura de auto-ajuda. Cf. Bob Davies. *Deixando a homossexualidade: uma nova liberdade para homens e mulheres*. São Paulo: Mundo Cristão, 1997. Mario Bergner. *Amor restaurado: esperança e cura para o homossexual*. São Paulo: Sepal, 2000. Leanne Payne. *A cura do homossexual*. Rio de Janeiro: Louva a Deus, 1994. Este discurso emerge também no âmbito de organizações religiosas que atuam na “recuperação” de homossexuais, como o Movimento pela Sexualidade Sadia (MOSES) e o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC), ambas sediadas no Rio de Janeiro. Cf. João Luiz Santolin, *Para Deus não há aceitação*. Rio de Janeiro: MOSES [mimeo].

Com efeito, tanto o discurso que privilegia a noção de possessão demoníaca, como as concepções que enfatizam seu caráter “social”, argumentando que a homossexualidade é resultante da socialização em ambientes “desorganizados” e “lares desestruturados”, retiram-lhe a aura de estado imanente, de expressão de uma certa natureza. A homossexualidade será sim algo da ordem do externo que penetra nos indivíduos pela esfera mística – pela influência ou incorporação de *espíritos malignos* – ou pelo aprendizado daquilo que é “antinatural”, “viciante” e “doentio”. A cura da homossexualidade pode ser obtida através da busca de santificação, pela “purificação” da pessoa.

## Conclusão

O construtivismo moral evangélico nega explicitamente a possibilidade de existência da homossexualidade enquanto *natureza*. Já o discurso católico deixa margem para se pensar a existência de uma predisposição inata à homossexualidade. Enquanto no discurso evangélico hegemônico predomina a percepção da homossexualidade como atos induzidos por fontes externas (espirituais ou “sociais”), o pensamento católico não nega a existência de *tendências* “naturais” à homossexualidade, que podem ser tomadas, inclusive, como objeto para a afirmação da vontade: tendências homossexuais *inatas* não impedem o indivíduo de exercer o *dom de si*, e portanto, o *verdadeiro* amor através da prática da castidade. Ainda que a idéia de reciprocidade também reponte no universo evangélico, principalmente através da vivência do amor na *libertação* do próximo, a ênfase católica repousa na noção de um autocontrole agonístico. Não se visa como preocupação principal à reestruturação das identidades, mas ao exercício de uma vida dedicada à Deus. Trata-se de dois universos culturais que bebem, sem dúvida, na mesma tradição cristã, mas diferem entre si por suas ênfases cosmológicas.

### Referências bibliográficas

- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. (1998) “Sexualidade humana: verdade e significado. Orientações educativas em família”. São Paulo: Paulinas.
- FOUCAULT, Michel. (1997) *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- MACHADO, Maria das Dores Campo. (1996) *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS.
- MAFRA, Clara e MARIZ, Cecília. (1999) “Family and reproduction among protestants in Rio de Janeiro”, in SMITH, Christian & PROKOPY, Joshua. *Latin American: religion in motion*. Londres/Nova York: Routledge.
- NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (2003a) *Carreiras homossexuais e pentecostalismo: uma análise de biografias*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ.
- \_\_\_\_\_. (2003b) “Carreiras homossexuais no contexto do pentecostalismo: dilemas e soluções”, in *Religião e Sociedade*. V. 23, nº 1. Rio de Janeiro: ISER.
- VELHO, Otávio. (1997) “Globalização: antropologia e religião”, in *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes.

## NOVAS PRÁTICAS FAMILIARES EM FOCO

Clarice Ehlers Peixoto,  
Maria Luiza Heilborn  
e Myriam Lins de Barros\*

Muito se discute sobre a “crise” da família, conseqüência da baixa taxa de fecundidade, do aumento da esperança de vida e, conseqüentemente, da crescente proporção da população de mais de 60 anos, mas também do declínio da instituição do casamento e da espraiada aceitação social do divórcio. De fato, o que observamos não foi exatamente o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos modelos familiares, derivados desses fenômenos sociais e sobretudo das transformações nas relações de gênero, que se exprimem através do maior controle da natalidade,

da inserção intensiva da mulher no mercado de trabalho, das mudanças ocorridas na esfera da sexualidade, entre outros.

As relações entre família e sexualidade vêm sendo modificadas significativamente nas últimas décadas. De um lado presenciamos um longo processo que tornou a conjugalidade um domínio relativamente autônomo da família, orientado por dinâmicas internas nas quais a sexualidade ocupa um lugar central; de outro, o fato do exercício da atividade sexual que deixou de ser circunscrito à esfera do matrimônio. Essas mudanças redefinem os vínculos entre esses dois pólos; em nome da sexualidade (e do amor enquanto ideologia) e da dinâmica societária que produz novos direitos ligados a tal esfera se produz o fenômeno das famílias homossexuais, ou homoparentais. O cenário torna-se, assim, cada vez mais complexo.

A coleção Família, Gerações e Cultura, ao publicar trabalhos sobre a temática, pretende incentivar o intercâmbio entre experiências de pesquisa elaboradas em contextos socioculturais diversos, a fim de enriquecer a reflexão socioantropológica sobre as relações familiares no Brasil. Até o momento foram lançados três títulos, pela Editora Fundação Getúlio Vargas.

Família e Sexualidade (organização de Maria Luiza Heilborn, 2004) trata das múltiplas transformações ocorridas nas últimas décadas nas relações familiares. A família deixou de ser o único lugar legítimo de exercício da atividade sexual, mas permanece como espaço de socialização das novas gerações no que concerne ao sexo; a conjugalidade depende cada vez mais da sexualidade como razão de ser. Um painel dessas mudanças é oferecido aos leitores em quatro textos: a visão de homens das classes populares sobre sexualidade e gênero; a iniciação sexual e afetiva de jovens de camadas médias; a emergência do tema da família homossexual; e o novo cenário normativo da sexualidade.

Sociologia da sexualidade (Michel Bozon, 2004) versa sobre as mudanças que esse domínio da vida social presenciou desde os anos 60. As transformações são geralmente tributadas à dissociação radical entre a procriação e a sexualidade e à flexibilização das normas relativas às condutas sexuais, popularizando-se a expressão “revolução sexual”. A interpretação aposta na idéia de um processo de crescente individualização de comportamentos e de normas, correlato a outras transformações da mesma ordem na sociedade e na família. Na sociedade individualizada contemporânea, os desejos e os relacionamentos não podem mais existir sem se apoiar em improvisações mentais pessoais e interpessoais, por meio das quais são elaborados os cenários sexuais. Esses cenários são construí-

dos a partir das experiências de cada um, representações culturais da sexualidade cada vez mais explícitas e numerosas, bem como os discursos da medicina e da psicologia, que intervêm na construção de uma nova normatividade das condutas sexuais.

Família e envelhecimento (organização de Clarice Ehlers Peixoto, 2004) aborda os novos desafios apresentados à sociedade e aos formuladores de políticas públicas, em função do envelhecimento da população brasileira e ao debate das ciências sociais. A reflexão sociológica busca compreender essa transformação e avaliar o seu impacto nas condições de vida existentes no país. Os textos reunidos evocam a diversidade das trajetórias de envelhecimento, segundo a posição social e o sexo, e mostram que as pessoas envelhecidas estão participando ativamente da vida social através da militância política, da inserção no mercado de trabalho e de práticas de sociabilidade. O avançar da idade já não é, para muitos, sinônimo de decadência e isolamento.

---

\* Este texto foi extraído e adaptado da apresentação da coleção Família, Gerações e Cultura, da qual Clarice Ehlers Peixoto, Maria Luiza Heilborn e Myriam Lins de Barros são coordenadoras.

**ALERJ DERRUBA  
PROJETO DE LEI  
QUE PROPUNHA  
'CURA VOLUNTÁRIA'  
DE HOMOSSEXUAIS**

No segundo semestre deste ano, presenciamos a mobilização de diversos setores da sociedade brasileira contra o projeto de lei que previa a criação de um programa estadual de auxílio a quem quisesse deixar de ser homossexual.

O projeto, de autoria do deputado e pastor evangélico Edino Fonseca, foi derrubado em votação na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro no dia 8 de dezembro, por 30 votos a seis – embora tivesse obtido os pareceres favoráveis das comissões de Saúde e de Constituição e Justiça. Para o relator desta última comissão, deputado Domingos Brazão, a proposição era de “relevante cunho social”.

O Clam, por meio de seu site, encabeçou um abaixo-assinado contra o projeto de lei que contou com mais de 2 mil assinaturas. Já a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), em decisão tomada em sua 28ª reunião anual, realizada em outubro em Caxambu, encaminhou moção de repúdio ao projeto para o presidente da Assembléia Legislativa do Rio.

“Do ponto de vista dos cientistas sociais brasileiros, tal projeto ameaça o caráter laico das instituições republicanas brasileiras, uma vez que a homossexualidade não é cientificamente considerada uma doença, nem legalmente um crime no país”, dizia um fragmento da moção.

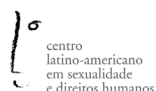
Assim, ao mesmo tempo em que forças obscurantistas tentaram meios constitucionais para fazer retroceder o ganho já alcançado nesse campo, houve, como citamos, a imediata expressão de repúdio vinda de membros da academia e de movimentos sociais ligados aos direitos sexuais e humanos.

**DIRETOR DO IMS**  
Ruben Mattos

**VICE-DIRETORA DO IMS**  
Jane Russo

**EDITORA**  
Anna Paula Uziel

**PROJETO GRÁFICO**  
nitadesign :: Anna Amendola



**EDITORA ASSISTENTE**  
Silvana Afram

**APOIO:** Fundação Ford  
**TIRAGEM:** 3.000 exemplares

**PROGRAMA  
EM GÊNERO  
SEXUALIDADE  
E SAÚDE** | Rua. São Francisco Xavier, 524 - 7º andar - Bl. D  
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20550-013  
tel. (21) 2568-0599 - fax. 2234-7343  
email. sexgen@uerj.br

**CONSELHO EDITORIAL**  
Elaine Reis Brandão  
Jane Galvão  
Jane Russo  
Margareth Arilha  
Regina Maria Barbosa

Esta é uma publicação quadrimestral do Programa de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Saúde e do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos - IMS/UERJ.